

Amor Louco

Sônia Vicente*

Unitermos:

Amor - Paixão - Transferência

Resumo:

Inicia seu trabalho com a pergunta “Qual o Lugar do Amor na Psicanálise?” e faz referência histórica sobre a conjunção da mulher o amor e a falta. Se nada se pode dizer do amor, nada se pode dizer da mulher. A primeira questão a ser tratada no tratamento da mulher é demanda do amor, desde Freud indicava que o estado amoroso, principalmente para uma mulher pode trazer rompimento de laços do fascínio e da servidão. A autora fala ainda da questão da paixão sua ligação com a morte e em seguida aborda o amor e os seus ditos e chega a questão do encontro do parceiro dos sintomas dos afetos, no traço do exílio da relação sexual. Termina falando do amor e o Nó do amor imaginário.

“A identidade fatal do apaixonado nada mais é do que: eu sou aquele que espera”

Qual o lugar do amor na psicanálise? Esse tema alcança as modalidades contemporâneas de laços sociais, inclusive transferenciais, onde o amor e sua pretensão de apreender o ser do amado a fim de fazer Um, não o situarão exatamente no registro da lei. Vamos nos deter, principalmente, na clínica com as mulheres, onde se desvela o amor absoluto de uma paixão, o amor louco.

Através os tempos, o amor e a mulher têm se constituído como questões intrigantes e enigmáticas, porém atuais. O falasser está sempre em busca de algo que preencha o vazio e a angústia, revelado no desejo de encontrar, por via do amor, a felicidade e a harmonia com a mulher, o sexo e a morte. Contudo, apesar do amor e a mulher serem exaltados em prosa e verso, sabemos, que a estrutura denuncia seus estatutos de falta, que jamais poderá ser representada ou preenchida e que, qualquer tentativa nesse sentido será sempre suplementar. A conjunção mulher, amor e falta, nos ajuda a compreender porque tanto se utiliza, no nosso cotidiano, a expressão “não se entende as mulheres”, assim como por que a sexualidade feminina é objeto de tantos debates na mídia.

Na clínica, observamos esta constatação, ao acompanhar Lacan quando afirma que *“nada se pode dizer do amor”* e, também, *“nada se pode dizer da mulher”*². Quer dizer, o amor e a mulher se situam para todo falasser, num campo que se acha ignorado. Desse ponto de vista, uma mulher representa para um homem, alguma coisa na qual ele crê desejar quando ama, algo que obedece a uma lógica “misteriosa”; por isso a astúcia do homem é expressar-se pela poesia, por esta comportar efeito de sentido, mas, também, de furo³, no que aponta para um real sem sentido. Dito de outra maneira, a mulher escapole ao homem e ele fica encantado. Dupla face do enigma mulher.

A história da psicanálise começa pela constatação de que “o amor é encontro”, e a transferência, definida por Lacan, como amor ao saber, é o resultado, a resposta, o produto. Foi desse encontro que aconteceu o primeiro tropeço clínico de Freud, observando as aspirações passionais, principalmente das mulheres; no que podemos dizer que foi o desejo da histérica que fez Freud trabalhar e inventar o dispositivo analítico. Seu reconhecimento da transferência enquanto fenômeno implica um postulado erotômico, que será sublimado e dissolvido pelo conceito de transferência em Lacan: *“não sou eu (o analista) que ele (o analisando) ama, mas um Outro que eu corporifico na ausência e na efigie”*⁴.

Na direção do tratamento do sujeito feminino, a primeira questão que se revela para ser trabalhada é a demanda de amor. Esse fato de estrutura se explicita na clínica, através da grande incidência de mulheres que demandam uma análise toda vez que temem perder o amor, reafirmando que a mulher é perseverante na busca por um parceiro permanente. Ela, por ter afinidade com a falta quer tudo, e isso é muito inquietante para o homem, porque não tem limites.

Freud já indicava, que o estado amoroso, principalmente para uma mulher, pode conduzir ao rompimento de seus laços, por implicar *“fascinação ou servidão”*⁵. Na sua elaboração centrada no falo, demonstrava dificuldade em apreender o enigma que a questão feminina encarna, evidenciando isso através da sua célebre pergunta *“O que quer uma mulher?”*. Lacan, por sua vez, com suas formulações, enfocou essa questão a partir de um mais-além do falo, dando uma outra compreensão da inveja do pênis – *penisneid* – que esclarece a confusão entre histeria e feminilidade. No entanto, vale lembrar que a função paterna permanece em relevo nas intrincadas redes da significação do sujeito feminino⁶, pois, ao reger as leis do amor, do desejo e do gozo, evidencia que as escolhas femininas estão submetidas a processos lógicos.

A partir dessas considerações queremos interrogar: qual o lugar, a função e a natureza do amor, na relação sempre faltosa entre o sujeito feminino e a sexualidade?

No autômaton do cotidiano, a paixão é uma promessa de vida que vai além da felicidade e do sofrimento. Se recorrermos à literatura, veremos que é do agrado da maioria se interessar pelas histórias que expressam a combinação fascinante de amor e morte, indicando que o desejo pelo amor-paixão, leva em conta somente o apaixonamento, subtraindo a possibilidade de sofrimento e esquecendo que amar é se arriscar. Os amantes amam o próprio fato de amar; isso revela que precisam mais da ausência do que da presença, tal como demonstra o amor cortês, imagem perfeita do amor terrestre idealizado, onde **A** Mulher é erigida na condição de puro invólucro do nada. O amor-paixão é desejado, na condição de jamais admitir o seu sentido real, ou seja, o fato inconfessável de que ele está ligado à morte. Quem

confessaria que deseja o aniquilamento do seu ser? Então, paradoxalmente, todo obstáculo ao amor é o que vai sustentá-lo, para exaltá-lo, no obstáculo absoluto, que é a morte. Lançar-se ao instante supremo do prazer total, alcançar o Nirvana, é morrer. Não sem motivo, em francês se diz “La petit mort”, para se referir ao orgasmo.

A cumplicidade, sempre dissimulada, do amor com a morte é o ponto no qual se situa a articulação entre sofrimento e saber. O amante não sabe o que o faz sofrer porque aquilo do que ele sofre é da própria ignorância, ao supor o saber sobre seu ser ao Outro. Assim, o sofrimento amoroso se alimenta de uma falsa reciprocidade, máscara de um duplo narcisismo, cujo efeito faz transparecer, no excesso da paixão, o ódio ao amado. Lacan nos indicou esta ambivalência, utilizando um significante novo: *amódio*, ou seja, um enamoramento feito de amor e ódio⁷. Desse modo, o amor presentifica o pulsional. Dito de outra maneira, como não se tem o que se deseja - a morte - se demanda mais, ainda, demonstrando que o amor é uma compensação ao gozo perdido. Assim, os que pretendem descrever o amor, recorrem à linguagem, exprimindo-se através de significantes que traem o seu verdadeiro alcance.

O que seria o amor sem os seus ditos?

“... *E num sofrer de gozo entre palavras,... é quando o amor morre de amor, divino. Quantas vezes morremos um no outro,... nessa morte mais suave do que o sono: a pausa dos sentidos, satisfeita, agradecendo o que a um deus acrescenta o amor terrestre*”⁸. Pelos seus ditos, o poeta nos dá a confirmação de que nos casos puros de amor–paixão, é a morte que vem exercer a função de limite, que normalmente é exercida pela castração; pois o amor quer constituir, no lugar da castração, uma lei mais forte, mais real. O sujeito, ao querer não ser todo submetido à castração, tenta se posicionar, por meio do amor, na função de exceção. Assim, o movimento de escapar à lei da castração, tende a se legitimar através da função do amor. No entanto, é preciso sublinhar que o amor não objeta a castração, pois é o ordinário da castração que torna o amor tão extraordinário.

Dessa maneira, em relação ao amor, ressalta-se mais aquilo que o limita - o amuro⁹ – do que o que o atrai, o significante da falta do Outro, S(**A**). Recorrendo, mais uma vez, ao poeta, o vemos expressar: “*entre o homem e o amor existe a mulher, entre o homem e a mulher existe um mundo, entre o homem e o mundo existe um muro*”¹⁰. O amuro diz respeito a traços sexuais que aparecem no corpo, tornando o ser sexuado, mas que não podem ser somente traduzidos por vida, pois, também portam a morte. Isto quer dizer que quando o limite entre a vida e a morte advém, sob a forma de ideal, de crença, o faz apenas na ordem da contingência, possibilitando “*o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um habita o traço do seu exílio da relação sexual*”¹¹. Em outras palavras, é do amuro que parte o que responde pelo gozo do corpo do Outro, que, entretanto, se apresenta sempre inadequado. É dessa falha que surge a demanda de amor acompanhada da ilusão de que esta relação possa existir, produzindo um deslocamento do contingente, *pára de não se escrever*, ao necessário, *não pára de se escrever*. Essa substituição constitui o impasse do amor, no que ele tenta realizar o encontro, que, pelo lado do gozo, é impossível.

É importante marcar que Lacan, seguindo o percurso de Freud, produziu alguns desenvolvimentos teóricos em relação ao amor. Ao acompanhá-lo, observamos um primeiro momento onde, referenciado no falo, identifica o amor à transferência e à repetição, formulando o aforismo: “*amar é dar o que não se tem*”¹². Mais adiante no seu ensino nos aponta: “*o amor não é senão um dizer enquanto acontecimento. (...) essa é a ressonância daquilo a que dei o suporte com meu nó borromeano*”¹³.

Assim, o amor pressupõe o nó. Se há amor, há enlaçamento dos três registros que o compõem. É o que constatamos ao observar as três formas do semblante que ele atinge e tenta dar consistência: a imagem, o sujeito e o ser, se situarem em registros diferentes e não terem continuidade.

O amor no imaginário se confunde com a identificação ao semelhante, é um afeto e proporciona a experiência mais próxima à completude a que se pode aspirar. Porém, só se sustenta, na medida em que a imagem do outro nos faz supor que ela abriga uma substância consistente. Dito de outra maneira: a imagem se sustenta do objeto **a**, que causa o desejo, ao tempo em que é a base da sua insatisfação.

O amor na sua face simbólica é sempre amor de um nome e faz pacto. Assim, é uma relação de sujeito a sujeito e tem por corolário o saber inconsciente que um sujeito supõe ao outro. A fala do amor tenta fazer suplência ao “*não há relação sexual*”, na impossível conjunção do sujeito e do corpo, isolando um significante que seria suposto designar o ser do amado. Entretanto, não cessa de se escrever, pois, o significante que só tem efeito de significado, rateia, ao pretender dar conta do ser do Outro.

No registro do real, o amor visa o ser, que permanece em fuga perpétua, reduzindo-se, sem o saber, à relação com o objeto da fantasia. Explicita-se aí a função mortal do amor, sua possibilidade de transformar-se em ódio, pois, do ser do amado não se obtém mais que alguns signos. Dizendo em outras palavras: a melhor maneira de capturá-lo é perdê-lo, quer dizer, reduzi-lo a nada para que cesse de se escrever.

Dessa forma vemos o amor, enquanto fenômeno, ao mesmo tempo, ser evidente e inapreensível. A demarcação de sua função no que se refere à sexualização nos permite perceber melhor como Lacan a traduz em fórmulas que denomina de “*quânticas da sexualização*”¹⁴, as quais nos indicam que as diferentes formas de suprir o impossível da relação sexual vão diferenciar as posições sexuadas, inscrevendo o sujeito do lado masculino ou feminino, a partir de sua relação com a função fálica. Tais construtos permitem articular as modalidades de gozo próprias a cada posição, que recobrem a experiência do corpo, dando conta de duas maneiras do amor se manifestar: fetichismo e erotomania. Estas escolhas amorosas vão indicar a forma que o sujeito impõe ao seu objeto.

Nessa via, buscando compreender melhor o enigma da sexualidade, nos perguntamos: o que é uma mulher para um homem? Uma mulher é para um homem, seu sintoma, nos diz Lacan. Um homem crê numa mulher como ele crê num sintoma, um enigma a decifrar; o que a torna símbolo da falta, deixando-o suspenso na pergunta: o que quer uma mulher? Quando um homem deseja uma mulher, não tem como parceiro senão um objeto, que causa o seu desejo enquanto fetiche, equivalente a um pedaço do seu próprio corpo. Dessa maneira, um homem crê desejar uma mulher, quando a ama. Então, interrogamos: e o amor? Este se apresenta sem palavras, a tal ponto que, do sentido do amor, os homens pouco compreendem, o que desenha a condição do amor no homem como narcísica. Assim, para amar uma mulher, é preciso que aquilo que ele imagina dela, lhe

permita sustentar-se na posição fálica. Nessa perspectiva, o homem, de fato, cria a existência da mulher; ficção, sem dúvida, pois, o que ele aspira nada mais é que o seu objeto - fetiche - um objeto que não fala, coerente com um gozo que não precisa de palavras. Mais uma vez recorreremos ao poeta “...em todo homem que fala da ausência do outro, algo do feminino se declara: esse homem que espera e que sofre não está miraculosamente feminilizado porque é um invertido, mas porque está apaixonado.”¹⁵

Em contrapartida à primeira pergunta, formulamos: o que é um homem para uma mulher? Esta resposta não é tão clara, visto que a mulher crê amar, quando ela deseja o falo do qual o homem é portador, a partir da identificação à falta do Outro S(**A**). Entretanto, verdadeiramente, uma mulher só ama um homem, quando ela é privada daquilo que ele dá; quando reconhece, no homem, a sua falta. Esse Outro do amor, evocado além do falo, tem como referência o pai ideal, aquele que dá o que não tem. Nessa via, é que podemos dar conta da forma erotomaniaca do amor, na qual a mulher se imagina desde sempre amada, o que a faz repetir nas suas relações, uma infinita demanda de amor. Na tentativa de posicionar-se falicamente, ela vai fazer advir a castração e o desejo de um homem e, ao mesmo tempo, velar a falta que sustenta o seu desejo. Manobra que a faz passar de amante a amada.

Essas considerações apontam, no gozo feminino, duas faces: uma que diz respeito ao gozo do corpo enquanto não limitado ao órgão, que expressamos metaforicamente como geografia de lugar nenhum. E outra, referente ao gozo da fala, enquanto significante. Então, a mulher, não podendo dizer nada deste misto de amor e gozo, supõe que o Outro o fará por ela, exigindo que seu objeto fale; isso se revela na incessante demanda ao Outro: “Você me ama?” “O que você ama em mim?”. Neste sentido, do lado feminino, o amor é tecido no gozo, sendo dele indissociável.

Se avançarmos um pouco mais, veremos o amor, formulado na perspectiva da contingência do encontro, evidenciar-se quando uma mulher, não-toda¹⁶ submetida à função fálica, se dirige a um homem, tomando-o como “ao-menos-um” que não estaria submetido à castração. Se esta posição, de exceção, é necessária, ao mesmo tempo é impossível, visto que, não é possível para um homem gozar de todas as mulheres, pois elas existem apenas uma a uma. Assim, quando uma mulher se dirige do lugar de seu gozo não-todo, ao um da exceção, é o Outro da falta que encontra. Em outras palavras: o Outro não pode ser encontrado. O confronto com essa ausência dá conta do caráter louco e enigmático do amor e do gozo feminino. Enfim, a mulher, por ter relação com o significante da falta do Outro S(**A**), tem a possibilidade de tocar um amor infinito, ao qual não tem meios de dar nenhuma significação, e um gozo ilimitado, que não consegue localizar no Outro. Entendemos que se trata, aí, do amor visto sob a vertente da poesia, o único amor que escapa ao campo da repetição e do narcisismo, um amor que sacrifica o que o sujeito tem de mais precioso: seu ser. É por isso que, na solidão de um amor além falo, a mulher suscita um interminável bem dizer da palavra de amor. “O amor por força vos enlouquece”. Quanto durará vossa loucura?”¹⁷ nos diz o poeta em sua sabedoria.

Nesse ponto, a mitologia, também, nos presenteia com a sugestiva história dos deuses *Amor e Loucura*, que ao serem convidados por Júpiter, para um banquete no Olimpo, brigam na chegada, porque Loucura se adianta ao Amor, querendo ultrapassá-lo. Amor se enfurece pela insistência de Loucura, de estar à sua frente e,

não conseguindo vencê-la com palavras, dispara-lhe uma flecha, que, paradoxalmente, vai ligá-la a ele. Loucura, se fazendo invisível, cega o Amor, colocando-lhe uma venda impossível de ser retirada...

Lacan, fazendo um contraponto à erotomania, sabiamente vai nos dizer que um homem é para uma mulher aflição e devastação, ou seja, são duas designações que implicam a idéia do “pior”, por serem mais danosas para o sujeito do que um sintoma. A devastação, podemos defini-la como a demanda de amor dirigida ao parceiro, que retorna sobre o sujeito feminino, sendo, então, mais o confronto com o silêncio do que com a palavra do Outro. Nesse sentido, a mulher, na posição de devastada, pode ser conduzida, por não se sentir reconhecida por um homem, à privação extrema, à morte. Mas pode ser conduzida também a um estado de deslumbramento, de felicidade extrema. Portanto, a devastação revela-se como a outra face do amor, que se apresenta fora sentido, fora sexo; um fenômeno que não conhece limites, cuja ressonância se traduz em um: “você é apenas o que eu sou”.

No final do seu ensino, Lacan vai qualificar o amor como uma tentativa de suprir a impossibilidade da relação sexual. Dessa maneira, ele nasce sob o signo do impossível, prometendo que o sentido sexual vai parar de não se escrever na contingência do encontro e vai se tornar necessário. No entanto, o amor não sustenta suas promessas! Os amantes descobrem, rapidamente, que o prazer do amor não dura mais que um instante e percebem que pesa sobre eles o risco de ficarem mortalmente atingidos, ao invés de fascinados. Mas, apesar de tudo, um homem crê desejar e uma mulher crê amar. É essa miragem do encontro com o impossível, que torna o amor tão apaixonante, fazendo com que cada um de nós procure sempre o amor absoluto de uma paixão, o amor louco.

* *Psicanalista. Trabalho apresentado na XII Jornada EBP-BA / Declínio do Amor e Círculo Psicanalítico da Bahia XVIII jornada /Novas dificuldades da clínica psicanalítica/ 2006.

¹ Barthes R. “Fragmentos de um discurso amoroso”, Francisco Alves, 1994, RJ.

² Lacan J., “Mais, Ainda”, Sem. XX, cap. VII, R.J., Zahar, 1982.

³ Lacan J., “L’insu-qui- sait de l’ une-bévue s’ aile à mourre”. Sem. XXIV, aula de 17/05/77, inédito.

⁴ Lacan J., Sem. VIII, “A transferência”, RJ, Zahar, 1992.

⁵ Freud S., “Psicologia de grupo”, vol. XVIII, R.J., Imago, 1969.

⁶ Não se trata de gênero, mas sim da posição de um sujeito frente à sexualidade.

⁷ Lacan J., “Mais, Ainda”, Sem. XX, cap. VIII, RJ, Zahar, 1982.

⁸ Andrade C.D., “O amor natural”, R.J., Record, 1992.

⁹ Lacan J., “Mais, Ainda”, Sem. XX, cap. I, R.J., Zahar, 1982.

¹⁰ Tudal A., in Lacan, “Escritos”, Função e campo da fala e da linguagem.

¹¹ Lacan J., “Mais, Ainda”, Sem. XX, cap. XI, R.J., Zahar, 1982.

¹² Lacan J., “A transferência”, Sem. VIII, cap. VIII, R.J., Zahar, 1992.

¹³ Lacan J., Les non-dupes errant. Sem. XXI, inédito.

¹⁴ Lacan J., “Mais, Ainda”, Sem. XX, cap. VII, Zahar, 1982.

¹⁵ Barthes R. “Fragmentos de um discurso amoroso”, Francisco Alves, 1994, RJ.

¹⁶ Na formulação da diferença sexual, Lacan, utiliza “fórmulas quânticas da sexuação” para dizer da posição do ser falante frente à sexualidade: masculina –**todo** submetido à função fálica e da feminina – **não-todo** submetido a ela.

¹⁷ Bérroul.